

# Homossexualidades como processo educativo e construção discursiva

Anderson Ferrari

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERRARI, A. Homossexualidades como processo educativo e construção discursiva. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 109-126. ISBN: 978-85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0007>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# 6

## Homossexualidades como processo educativo e construção discursiva



*Anderson Ferrari*

109

No Ocidente, não temos a arte erótica. Em outras palavras, não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros. Nada disso é ensinado no Ocidente, e não há discurso ou iniciação outra a essa arte erótica senão a clandestina e puramente interindividual. (FOUCAULT, 2006, p. 61)

Aceitar a convites para pensar o campo da educação e suas relações com as sexualidades me coloca num lugar de problematização e, nesta linha de condução, me aproxima de Michel Foucault quando diz que seus trabalhos se vinculam a história do pensamento. (MARSHALL, 2008)

Problematizar é dar um passo atrás para colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir. Por que penso o que penso? Que pensamentos organizam minhas ações? Questionar o pensamento e ação é um ato de liberdade. “É a liberdade de serparar-se do que se faz, é o movimento pelo qual alguém se separar do que faz, de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema”. (MARSHALL, 2008, p. 31) Trabalhar no encontro entre educação e sexualidades é trabalhar com a perspectiva da problematização. educação, neste sentido, diz de algo mais abrangente que os processos de ensino-aprendizagem, o cotidiano escolar, os conteúdos, a formação docente, os currículos. Educação diz da constituição dos sujeitos e suas formas de pensar e agir, diz da relação entre a construção dos sujeitos e a história do pensamento.

Por isso a escolha a epígrafe, em que Foucault afirma numa ato provocativo para os educadores e para a Educação: “No Ocidente, não temos a arte erótica. Em outras palavras, não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros”. (FOUCAULT, 2006, p. 61) Essa afirmação também diz das escolas e do que fazemos nela. Mas diz, sobretudo, das relações que vamos construindo entre nós mesmos, com os amigos e as amigas, com os filhos e as filhas, nos nossos relacionamentos. Foucault continua: “[...] não há discurso ou iniciação outra a essa arte erótica senão a clandestina e puramente interindividual”. (FOUCAULT, 2006, p. 61) É essa forma clandestina e interindividual que quero tomar como provocativa para pensar o ato educativo de educar o outro. Para isso, quero tomar um acontecimento entre amigos para nos convidar a pensar esses “novos” tempos em que estamos vivendo e que nos coloca novos desafios para pensar as homossexualidades, os desejos, o governo das identidades.

Há algum tempo atrás, um amigo me apresentou um rapaz de mais ou menos 26 anos, culto, bonito e um pouco tímido, que ele havia conhecido numa sauna gay. Meses depois esse mesmo amigo me contou um pouco surpreendido que esse rapaz não queria mais encontros sexuais com ele

porque havia decidido investir em relacionamentos fugazes, sem compromisso e limitados ao sexo. Para isso ele havia criado um *blog*<sup>1</sup> na internet contando suas aventuras sexuais e assumindo uma nova postura diante da homossexualidade: só queria parceiros com órgãos sexuais acima de 20 cm e que se deixassem filmar na relação sexual. Havia se transformado em *TaradaoZS*. Fiquei muito interessado por esse movimento que conjuga homossexualidades e internet. Que novos arranjos são possíveis a partir dessa tecnologia? Que novas formas de ser estão em jogo? Que novas homossexualidades são construídas neste espaço virtual? Quem é esse novo homossexual que organiza um *blog* com suas filmagens? Quem são os seguidores deste blog que exercem suas fantasias, suas homossexualidades e seus encontros a partir da internet? Questões que dialogam com o meu campo de interesse sobre os processos de subjetivação, principalmente aqueles ligados as homossexualidades masculinas. Como eu tinha o e-mail pessoal do rapaz, dono do *blog*, entrei em contato com ele dizendo que sabia desta novidade e que estava interessado em conversar a respeito desse processo, visto que dizia do meu campo de investigação. Alguns dias depois recebi a resposta de que ele não queria falar sobre isso, não queria elaborar um raciocínio sobre o que estava fazendo, queria somente transar e construir o *blog*.

Uma resposta que me levou a pensar ainda mais nesta experiência, que me levou a pensar a mim mesmo. Porque eu queria escrever sobre isso? O que o *TaradaoZS* me questiona é se há necessidade de falar sobre isso. Ele não está interessado em transformar o que faz em conhecimento, ele está interessado em vivenciar, em experimentar e isso basta. Até que ponto o meu interesse está inscrito naquilo que Foucault (1988) chama atenção e que nos organiza desde a modernidade que é essa “vontade de saber”? Como estamos capturados por essa necessidade de transformar o sexo em conhecimento. Convencido com a resposta do *TaradaoZS*, abandonei o

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://TaradaoZS.blogspot.com.br/search/label/contos%20de%20TARADAOZS>>. Aceso em: 27 jan. 2013..

projeto de escrever o artigo e resolvi dar uma olhada, pela primeira vez, no *blog*. É um artefato muito bem construído, com imagens, filmes em que *TaradaoZS* aparece transando com os seus parceiros (em todos os vídeos os envolvidos aparecem sempre protegidos com máscaras ou em posições em que não é possível ver seus rostos). Também fazem parte do *blog*, contos, quadro de seguidores, um sistema de avaliação do desempenho sexual nos vídeos, há fotos enviadas pelos leitores se propondo a transarem com *TaradaoZS*, todas elas aparecem o corpo do pescoço até as coxas garantindo, pela imagem, cumprirem a exigência de terem um órgão sexual de no mínimo 20 cm. No entanto, ainda com o ensinamento de que não há necessidade de produzir uma narrativa sobre si e que não queria falar sobre o que estava fazendo, me surpreendi com uma parte do *blog* em que *TaradaoZS* fala de si, revela quem é.

Tomado por esta “surpresa”, retomei o projeto de escrever o artigo que agora se apresenta, considerando o *blog* como campo de investigação, trabalhando com as informações, imagens, contos e outras informações que o sujeito escolhe para ser construída, que fornece ao leitor, controlando aquilo que o outro deve saber, construindo uma imagem de si a partir do que elege como narrativa. Esse não é um processo isolado. Muito pelo contrário. É cada vez mais comum *blogs* e processos de subjetivação semelhantes. Dois movimentos que se relacionam. Por um lado nós temos pessoas dispostas a construir páginas na internet em que falam de si, produzem imagens de si relacionadas às orientações e práticas sexuais. Por outro lado, há também pessoas que não constroem essas páginas, mas participam do mesmo processo, na medida em que seguem essas personagens, exercitam suas homossexualidades pela internet, encontram com essas personagens mediadas pela máquina. Me parece possível pensar que o computador se transformou em um objeto de desejo, algo que encontro prazer, que me ensina a ter prazer e a exercer as homossexualidades.

É esse movimento que está em processo de construção – a expressão das homossexualidades na internet – que quero tomar como foco de análise deste artigo. Mais do que isso percebo que essas expressões também se cons-

tituem como uma maneira de ser, estando intimamente relacionada ao que estou chamando de “novas’ homossexualidades”. Neste sentido, estou considerando as homossexualidades como processo em constante construção discursiva e cultural, o que envolve hoje os mecanismos tecnológicos em que podemos investir em diferentes maneiras de ser, evidenciando o caráter fluído das identidades. Atualmente, os modos de produção material e simbólica que envolvem as identidades homossexuais estão atravessados pelas novas tecnologias, sobretudo pela internet, que gera novas arquiteturas, relacionamentos e negociações que impactam o comportamento das pessoas e da sociedade. A internet penetra as dobras sociais, influenciando assim as formas de relacionamento entre os sujeitos, produzindo processos de subjetivação. Esse novo espaço de circulação e de produção das identidades homossexuais vai se constituindo como um novo espaço de valores e representações das homossexualidades dependentes cada vez mais da disseminação de uma cultura visual e digitalizada que determina, conseqüentemente, configurações inéditas das relações dos sujeitos com o se entorno e consigo mesmo. Para esse trabalho quero me debruçar e problematizar os sujeitos que se consideram homossexuais e que se colocam, sobretudo na internet. Especificamente quero tomar para problematização o *blog* criado pelo sujeito identificado como *TaradaoZS*, que textualmente diz que só se relaciona a partir da internet, conseguindo parceiros através do seu *blog* e da publicitação de suas relações sexuais. A exigência para os encontros sexuais é deixar-se filmar.

Neste sentido estou chamando de “novas homossexualidades” essas relações que são mediadas pelo computador. As homossexualidades não se constituem somente pelo desejo (FERRARI, 2005), nem tampouco passam pela obrigatoriedade da prática sexual. Assim sendo, teremos homens que sentem desejos por outros homens, mas esse fato não faz deles homossexuais. Da mesma forma que teremos homens que sentem desejos por outros homens e que nunca vivenciaram esses desejos e que se sentirão homossexuais. A construção das homossexualidades diz que o desejo é um processo de investimento num tipo de enquadramento que vamos construindo e que vamos assumindo na medida em que nos depa-

ramos com aquilo que o social diz que somos e que o desejo é apenas uma parte deste processo. Então, pensar que esse processo de aproximação e distanciamento das homossexualidades pode se dar via computador, que a experiência e vivência das homossexualidades pode ocorrer via internet, me parece algo “novo”. No entanto, um “novo” atravessado por outros processos que são recorrentes, tais como a necessidade de falar de si, misturada atualmente com a necessidade de mostrar, produzir imagens para além das narrativas de si. Assim, reforçando meu interesse por esse processo como foco de análise, quero concentrar minha escrita em dois pontos. Um primeiro ponto diz da “narrativa de si” e como ela implica na construção dos sujeitos, tanto daquele que fala de si quanto dos outros que são construídos a partir dessa narrativa. E, um segundo ponto, é como esse processo de narrativa que vai de um para o outro, constrói “novas” homossexualidades?

Quem é *TaradaoZS*?

O título desta parte é uma reprodução do que encontrei no *blog* e que em grande parte responde aos meus interesses iniciais de saber quem é esse sujeito que investe neste tipo de artefato cultural? Quais são as suas procuras? Um título que em si já é revelador, visto que busca dizer de si, responder a pergunta “quem sou eu”, e que o *TaradaoZS* assume como necessária. Se negou a minha proposta de entrevista, porque elabora um texto com esse? Talvez possamos dizer que negou porque entrei em contato com a pessoa e não com a personagem, que utilizei um e-mail pessoal para falar de um outro sujeito, que associei duas instâncias de subjetividade que não era para ser confundida. O rapaz não queria falar sobre o *TaradaoZS*, assim como o *TaradaoZS* não quer falar da sua vida para além da internet. Ambos não querem ser entrevistados, ambos querem controlar o que vão falar, quando irão falar e se vão falar. É uma forma de controle sobre si.

Quem é *TaradaoZS*

*Não uso drogas, bebo socialmente e sexo só com camisinha SEMPRE, não tem conversa. Diferente do que muita gente pensa, não transo com um cara por dia. Já passei por essa fase e confesso que aproveitei muito...*

*O problema de fuder desenfreadamente é que você vende a sua alma e se torna escravo do sexo. Nada te satisfaz, você fica insaciável e o vazio fica cada vez maior. Além de você perder o foco, perde a noção de que o tempo está passando e nada está sendo feito.*

*Hoje, embora o sexo seja em menor frequência, continuo dando muito, e para paus cada vez mais exagerados. O maior que já peguei tinha uns 30 centímetros, um jamaicano que me pegou num quarto de hotel em Copacabana e literalmente acabou comigo. Era grande, grosso e duro. Fiquei sem poder sentar no dia seguinte, não é lenda. O maior número de homens numa noite? 10. Todos dotados. Um fã que sempre quis me ver dando, agilizou uma festa na sua casa com cerveja liberada, chamou 10 dotados, todos com mais de 21 cm de dote e fui a comidinha deles. Só não filmei porque 2 deles não toparam. Morro de tesão sempre que me lembro disso, foi uma das melhores experiências sexuais que já tive, e olhe que foram muitas. O melhor sexo de todos? Isso não existe. O melhor é o que você ainda não fez, é o que habita a sua imaginação. Todos foram bons na sua totalidade, alguns bons até demais.*

*Quem sou eu? Eu sou você quando fecha a porta do quarto e liga o computador. Eu sou a sua intimidade, seus maiores fetiche e fantasias. Por esse motivo nunca mostro meu rosto e das pessoas que aparecem nos meus vídeos, para que tudo fique na sua imaginação. Assim você pode construir a sua realidade e fugir pra lá, esquecer do mundo, da chateação e dos problemas. Poderá encontrar-se consigo mesmo, resolver seus problemas internos enquanto se masturba com prazer. Eu sou o rabudo que é arregaçado por qualquer dotadão sem compromisso, sem pudor, sem importar em saber o nome, sem culpa. Para os ativos, sou o pirocudo arregaçador, que pega um passivo pela cintura, mete na pressão, o arromba por completo e, em seguida o descarta junto da camisinha ou por quanto tempo durar o tesão.*



*Resumindo, sou o que você é, mas nunca terá coragem de assumir por medo, por preconceito ou rejeição.*

*Sou uma pessoa comum como qualquer outra, que trabalha, paga as contas, vive um dia de cada vez. Mas como todo ser humano tenho a minha válvula de escape para desabafar sobre as coisas da vida que não consigo por em ordem. Podem me julgar, dizer que é algo insano, promíscuo, sem valor próprio. Seja lá qual for a sua opinião sobre isso, pouco me importa. Se você vasculhar a vida de qualquer pessoa vai encontrar um padre, vai se deparar com algo que nunca imaginaria. Então esse é o meu padre que convivo muito bem. Tudo é válido desde que haja responsabilidade e não façamos mal a ninguém.*

*Na maioria dos casos, 60% para ser mais específico, sou convidado pelos internautas para fazer os filmes. Recebo convites dos sites onde hospedo meus vídeos; através do msn; Skype; email e, principalmente, do meu blog. Faça uma pré seleção: tem que ser masculino, dote acima de 21 cm, e disposição pra meter, porque não brinco com sexo e tenho pavor a foda mal dada. Assim aprovado, trocamos fotos, cam, telefone e já marcamos a real. Os outros 30% conbeço na rua, numa noite na lapa, na praia num dia ensolarado, num barzinbo qualquer, ou na própria cadeira do dentista. Por incrível que pareça tenho um radar aguçado e nunca errei ao conhecer um cara na rua e levar direto pra cama: sempre é pauzudo. Existe uma pequena minoria que entra nos 10 % que são garotos de programa que querem fazer vídeos comigo desde que não me cobrem nada, é claro, pra promoverem seus trabalhos, sites, blogs, exporem a figura... E existe também uma parcela dos fanáticos que fazem propostas com dinheiro, ou mandam a passagem pra qualquer destino do mundo pra poderem fuder comigo, por puro fetiche. Essa última opção nunca aceitei por questões pessoais. Não tenho a intenção de ganhar dinheiro com meus vídeos, ou vender o corpo, faço tudo por prazer e satisfação pessoal.*

*Filmo minbas fodas por vaidade sim, confesso que me gabo quando acesso minha caixa de e-mails e recebo incontáveis propostas pra filmar, comentários nos vídeos, mensagens, algumas de pessoas desafortadas que não têm a coragem de mostrar a cara, mas sei quem são e desejo muito que elas continuem falando mal e perdendo o tempo delas me julgando. A crítica, seja ela positiva ou negativa sempre causa impacto e dá ibope, portanto são todos bemvindos.*

*A primeira vez que comecei a filmar tinha 19 anos, 6 anos atrás. Éramos 3 na foda, eu o único passivo, óbvio (não curto dividir pica, que isso fique bem claro). Tinha chegado de uma festa e estava com minha máquina fotográfica na cabeceira da cama quando um dos ativos a pegou e disse: nunca vi ninguém dar assim, vou registrar na sua própria câmera e quero que você assista quando chegar em casa. Fiquei maluco pelo vídeo, bati umas 40 punbetas e o postei num blog para agilizar na pegação. Não tinha muita paciência pra enrolação, ficar me exibindo na cam, horas incontáveis em sala de bate papo, perdendo tempo com gente desocupada. Então mandava o link da foda e em 5 minutos estava eu com um pirocão na boca. Depois disso uns caras se propuseram em filmar e a coisa foi tomando outra proporção. Hoje chegou ao ponto de somar quase 50 milhões de hits juntando os acessos em todo o mundo. Já recebi propostas para mostrar o rosto em sites pornôds como Machofucker, fazer vídeos com atores pornôds consagrados, já até fiz uns que ainda não postei. Se jogar TaradaoZS no google verá que a internet tem seu poder e multiplicou meus vídeos em sites que nem imagino. Chegou ao ponto de existir uma galera que plagia meu trabalho, se passa por mim... Sempre são desmascarados, tenbo um estilo próprio que inventei e isso me diferencia de qualquer outro. Não estou dizendo que sou o melhor ou pior, mas diferente.*

*Sempre fui muito fofoso, já procurei ajuda de psicólogos e disseram que era normal, que diminuiria com a idade. Será que eles se referiam após*

*os 60 anos? Bom, é verdade que diminuiu um pouco sim, mas ainda tenho tesão de sobra e, vez por outra sobe a cabeça e me tira do eixo. Foi por isso que surgiu o nome Taradao e Zona Sul porque moro nessa região no Rio de Janeiro, portanto TaradaoZS era pra facilitar na pegação, pra saberem onde eu me localizava, embora não me impedisse de atravessar a cidade ou o estado se a pica valesse realmente a pena. Não sou um playboy da Zona Sul que vive a vida sem compromisso. Ninguém é da Zona Sul, a gente está na Zona Sul, amanha as coisas podem ser diferentes.*

*Quando vou parar? Ainda não sei, mas será em breve. Não será por namoro, casamento, ou porque alguém pediu. Sou bem resolvido e uma pessoa livre, acima de tudo. Estou disposto ao acerto de contas, e quando eu decidir terminar o farei por livre espontânea vontade. Pode ser amanha, semana que vem ou daqui alguns anos.*

*Tenho uma intenção subliminar nos meus filmes, tenho projetos de ajudar a construir um mundo melhor (não preciso que você acredite nisso) e descobri que a pornografia me aproxima de todas as pessoas mesmo que elas não se identifiquem.*

*“Eu sou você quando fecha a porta do quarto e liga o computador”:  
narrativa de si.*

Recusar a entrevista e, ao mesmo tempo, responder a pergunta “quem sou eu?”, é recusar-se a ser produto de alguém, num exercício dele próprio – o *TaradaoZS* – escrever e se inscrever como personagem e resultado de sua narrativa. Ao final temos como um memorial em que ele justifica suas escolhas, diz quem é, recupera sua trajetória, memória num jogo de construção e compreensão de como se tornou o que é.

*“Sou uma pessoa comum como qualquer outra, que trabalha, paga as contas, vive um dia de cada vez. Mas como todo ser humano tenho a minha válvula de escape para desabafar sobre as coisas da vida que não consigo por em ordem. Podem me julgar, dizer que é algo insano, promíscuo, sem valor próprio”. Ao mes-*

mo tempo em que diz que é uma pessoa comum, como qualquer outra, o que o *TaradaoZS* parece fazer é fortalecer que vivemos num mundo plural em que se multiplicam as experiências, as experimentações de forma que não podemos falar das homossexualidades como algo homogêneo, mas que essa homogeneidade cada vez mais dá lugar à heterogeneidade que nos compõe. Algo que dialoga com as novas tecnologias e esse mundo da cultura visual em que circulamos e nos apropriamos, de forma que essas mudanças têm tornado evidentes e introduzido inovações nos processos de subjetivação que incluem a produção de imagens e narrativas de si, a exposição e o intercâmbio dessas constituições, ou seja, a recomposição de quem somos diante do “outro”, inclusive através dos perfis virtuais que trabalha com a fantasia, com o desejo e que não está no necessariamente ligada a comprovação da verdade. Não me interessa se o que está no *blog* é verdade, visto que trabalho e lido com a potencialidade do texto, da narrativa de si e das imagens como “verdadeiras” e, sobretudo, como algo que está a meu serviço, mexe comigo, me serve, me leva a encontros.

Sua prática de filmar e de evidenciar sua busca desenfreada por sexo é duplicada em sua narrativa, de forma que *TaradaoZS* ganha corpo pela escrita. No entanto, pela escrita de si via estabelecendo causalidades, explicações, justificativas. “*Eu sou você quando fecha a porta do quarto e liga o computador. Eu sou a sua intimidade, seus maiores fetiches e fantasias. Por esse motivo nunca mostro meu rosto e das pessoas que aparecem nos meus vídeos, para que tudo fique na sua imaginação*”. A partir da forma de organizar sua narrativa, *TaradaoZS* vai definindo sua identidade, sem fugir da relação entre identidade e sua “verdade”. Sua verdade está nas relações sexuais. “*Sempre fui muito fôgo, já procurei ajuda de psicólogos e disseram que era normal, que diminuiria com a idade*”. Como nos lembra Foucault (1988) as identidades individuais e sociais, a partir do século XVIII se vinculavam cada vez mais a identidade sexual. A verdade dos sujeitos estava na busca interior sobre os desejos, os prazeres, as práticas, enfim, sobre as questões que foram se tornando “sexualidade”, identidade sexual que começava a ser cobrada de todos, instauradas nos corpos e nas subjetividades. As homossexualidades

inventadas no século XIX (FOUCAULT, 1988), também passam a ser buscadas nos corpos, se tornando constituidoras dos sujeitos, absolutizando as identidades homossexuais, de forma que o homossexual se torna o que faz, o que deseja, o que sente. A narrativa e escrita de si que constrói *TaradaoZS* está neste jogo instituído no século XVIII/XIX, de forma que ele se torna o outro absoluto.

Mas a narrativa também parece incorporar outro aspecto de construção das homossexualidades advindo do século XIX e que se faz presente até hoje. As homossexualidades surgem de um julgamento. Resultado do discurso médico elas surgem como doença, como algo que deveria ser tratado, curado, expulso das pessoas. Desta forma, deve ser ocultado. Ao esconder o rosto, *TaradaoZS* se relaciona com essa necessidade de ocultar. No entanto, ao criar um *blog* em que revela suas práticas, seu corpo, suas relações, ele também dialoga com o ocultamento, pela relação entre esconder e mostrar. Porque a necessidade de criar um *blog*? Até que ponto a página ajuda e se relaciona com o ocultamento dos seguidores? *“Filmo minas fodas por vaidade sim, confesso que me gabo quando acesso minha caixa de e-mails e recebo incontáveis propostas pra filmar, comentários nos vídeos, mensagens, algumas de pessoas desafortadas que não têm a coragem de mostrar a cara, mas sei quem são e desejo muito que elas continuem falando mal e perdendo o tempo delas me julgando”*. Narrar-se, ocultar-se, mostrar o corpo e não o rosto, visitar a página, ver os vídeos, escrever comentários e não revelar-se são jogos estabelecidos a partir do *blog*, a partir da construção desta personagem *TaradaoZS*, da sua narrativa e a partir da relação entre público e privado. A personagem *TaradaoZS* viola essa separação, trazendo para o espaço público, para internet, coisas da intimidade, que “deveriam” ficar ocultas.

Ao escrever sobre seus desejos, suas práticas, suas procuras, ou seja, ao narrar-se, *TaradaoZS* vai se formando como sujeito ético e estético, como ficção e construção, como um ser pode assumir muitas formas e que exercita toda sua versatilidade.

*[...] nunca mostro meu rosto e das pessoas que aparecem nos meus vídeos, para que tudo fique na sua imaginação. Assim você pode construir a*

*sua realidade e fugir para lá, esquecer do mundo, da chateação e dos problemas. [...] Sou o rabudo que é arregaçado por qualquer dotadão sem compromisso, sem pudor, sem importar em saber o nome, sem culpa. Para os atívos, sou o pirocudo arregaçador, que pega um passivo pela cintura, mete na pressão...*

O *blog* se constitui como espaço de vida, guia de conduta –*TaradaoZS* também estabelece o que pode e o que não pode nas suas relações, o que é certo e o que é errado. Para a composição deste artefato cultural, é organizado texto, vídeos, contos, mensagens, comentários, propostas, tabelas de acesso, outros exemplos de *blogs* e práticas semelhantes, enfim, fragmentos que dão origens a vidas distintas, mais libertárias e como material de memória. *TaradaoZS* na sua busca por novas experiências sexuais, constrói enredos e estratégias, tais como os contos em que fica no ar, trata-se de ficção ou de casos verídicos, imagens, enfim, mecanismos para criar e divulgar sua intenção, suas práticas, sua constituição, envolvendo com o mundo de uma forma diferente de outros homossexuais de forma que cria uma vida toda sua. Uma vida própria que não está fora do social, do contexto em que é produzida, já que não ter rosto e manter-se no anonimato é dialogar com a sociedade atual. O anonimato é parte desta sociedade que está vivendo a passagem da disciplina para o controle. Algo que aproxima o que *TaradaoZS* faz com uma arte de vida não fascista. (RAGO; VEIGA-NETO, 2009) A arte da vida não fascista se constitui como um tipo singular de prática de si.

## **Novas homossexualidades?**

“Novas homossexualidades?” Mais que um título, uma questão, uma pergunta que tem como objetivo instaurar a dúvida no leitor, trazendo-o para o diálogo com o texto, mas que também tem a função de socializar o que acho importante a partir da organização de *TaradaoZS*, ou dos processos que constituíram as condições de emergência de um *blog* como esse e o que faz conosco. Essa questão só é possível porque diz de uma concepção de

homossexualidades que marca este texto. Homossexualidades dizem de um processo de construção, não é algo dado, natural, vinculado à essência dos sujeitos. É resultado de construção histórica, cultural, social. Não é por acaso que Foucault (1988) vai assumir que as homossexualidades foram uma invenção do século XIX, uma invenção de discursos, sobretudo o médico, que naquele momento definiu e “criou” o “homossexualismo” e o homossexual como doença e como doente, respectivamente. Ainda somos herdeiros desta origem classificatória e deste discurso médico que nos assombra. O histórico é mais forte do que podemos imaginar. Nesse sentido, *TaradaoZS* também parece afetado por ele. Mesmo se constituindo neste aspecto de construção ele se preocupa com os discursos que incorpora que o levam a pensar e a classificar suas práticas “inovadoras” como algo “anormal” e, portanto, próximo à doença. Diz ele: “*Sempre fui muito fôgoso e já procurei a ajuda de um Psicólogo e disseram que é normal e que diminuiria com a idade*”. A ideia do que é “normal” e do que é “anormal” insiste em aparecer, nos vinculando diretamente a um tempo e espaço historicamente marcados. Em todo momento do texto de apresentação de *TaradaoZS* ele parece querer se justificar, convencer os leitores que é uma “pessoa comum” como qualquer outra. Trata-se então de uma nova homossexualidade? Ou ele está tão preso ao século XIX que nada mais é do que a “mesma” homossexualidade?

Questões que nos fazem colocar sob suspeita nossa cultura. Como as palavras, ideias e ações nos educam e como educamos com elas. Pensar que as homossexualidades são construções históricas e culturais significa dizer que elas não estão presas na sua origem, mas que estão constantemente em construção, em negociação, em confronto, de maneira que não parece possível pensar que estamos falando das mesmas homossexualidades que aquelas inventadas três séculos atrás. Criar um *blog*, inventar um personagem – *TaradaoZS* – assumir posturas próprias diante da sexualidade, do sexo, da relação com outro são movimentos que dizem de uma inventividade que nos possibilita pensar em novas estéticas da existência em meio a uma cultura do século XXI. Para Certeau (1995) toda atividade

humana pode ser considerada cultural. No entanto, para que possa ser entendida como tal, é necessário que as práticas sociais produzidas tenham significado para aqueles que as realizam e para os que estão em relação com essas práticas. Esse é um aspecto que parece organizar toda produção de *TaradaoZS*, tanto no que se refere ao seu movimento de criação de um artefato como o *blog* e suas funções, quanto ao movimento que é capaz de estabelecer nos seguidores, sejam aqueles que se excitam somente em acompanhar, sejam aquele que se colocam como potenciais parceiros e mesmo os que se sentem excluídos pelas condições definidas por seu autor.

*TaradaoZS* é todo um trabalho de subjetivação. Ao produzir o *blog*, o autor se propõe a construir uma racionalidade sobre sua sexualidade e sobre as homossexualidades. Ele constrói, assim, uma nova homossexualidade para si e para os outros. Assim sendo, este espaço virtual de trocas, de conhecimento, de constituição de sujeitos é um trabalho de si para consigo. (FOUCAULT, 2010) Por um lado o trabalho do autor para consigo mesmo na criação de *TaradaoZS*. Ele deixa de ser apenas o autor para se tornar o personagem, outro sujeito e um só, ao mesmo tempo. Processo e de ser o “outro” e “o mesmo” que exige racionalizar suas ações, pensar a si mesmo o tempo todo, exercer um trabalho sobre si mesmo. Por outro lado, é um trabalho de si para consigo que está presente no “outro” que acessa e participa do *blog*. Aqueles que acessam também são chamados a realizar um trabalho de si para consigo na medida em que o artefato designa diferentes posições de sujeito. Há a possibilidade de estar dentro das condições estabelecidas pelo autor e se propor a avaliação do mesmo para fazer parte como parceiro. Há a possibilidade de ter as condições e não querer ser parceiro, ou mesmo ser excluído na avaliação do autor. Há a exclusão via condições e estar sujeito somente a fazer parte como seguidor. Existem os encontros com os nossos sistemas de significação e julgamento de forma que podemos atacar, desvalorizar, falar mal do artefato virtual e seu autor, como também podemos valorizar, querer ver, seguir, enfim, diferentes posições diante da homossexualidade virtual que



faz com que possamos pensar a nós mesmos, como nos tornamos o que somos? Porque penso isso e não aquilo? Como me comporto diante do que vejo? Processos que nos convidam a fazer uma elaboração de si para consigo mesmo, que nos conduz a um trabalho ou a pensar os processos que nos constituíram, os processos de subjetivação. Processos que nos conduzem a novas possibilidades de ser e pensar, investindo em novas homossexualidades, fortalecendo seu aspecto de construção discursiva, cultural, sempre abertas.

## Considerações finais

O primeiro ponto que importante destacar na análise deste movimento posto em circulação com o *blog TaradaoZS*, ou do que ele é parte e resultado, diz de um certo enfraquecimento, cada vez maior, da totalidade. Há uma diversidade de possibilidades de se vincular as homossexualidades, com histórias que se aproximam e se distanciam, com práticas e comportamentos variados e que o *blog TaradaoZS* faz parte. No entanto, permanece presente uma tentativa de forjar uma identidade única – a identidade homossexual – embora seja cada vez maior o reconhecimento e aceitação da existência real da multiplicidade dos homossexuais. O *blog TaradaoZS* revela um jogo entre aprisionamento realizado pelas identidades e a liberdade das práticas. De certa forma demonstram a força da ideia iluminista, que organizou a racionalidade moderna e que permanece, sobretudo quando se trata da construção da identidade como uma construção idealista. Constatamos uma ideia unificadora e totalitária que o pensamento pós-moderno vem enfraquecendo sobremaneira, abandonando-a. Nosso tempo vem se caracterizando como complexo e multiforme, que resiste às reduções e simplicidades, o que de certa forma, inviabiliza o uso e a construção da “natureza homossexual”, do “movimento homossexual” e mesmo a utilização de termos como “todos nós”, “todos somos assim”, “nós queremos isso”, “nós temos que”, enfim, construções de uma totalidade que não existe, a não ser como somatório de pequenas partículas que

muitas vezes sequer dialogam.

A necessidade de abandonar os conceitos estáveis e seguros, como, por exemplo, a ideia de identidade e de homossexualidade, como unificadora, é uma forma de pensar os discursos como algo também instável e diverso, que causa desestabilização e insegurança. Por isso, muito mais produtivo é questionar como as coisas funcionam e acontecem, compartilhando essas questões e dúvidas, ao invés de buscar saídas e respostas estáveis e seguras. Os lugares de onde as pessoas falam, os espaços em que se constroem, trocam, relacionam-se e evitam-se são múltiplos, mostrando seu caráter contingente, histórico e de construção.

A grande pergunta desse trabalho é a respeito das condições de possibilidade da existência das homossexualidades e dos homossexuais e também das condições de sua própria racionalidade, sem a preocupação de fornecer respostas, mas de socializar as problematizações. Aqui também há uma aproximação com a perspectiva foucaultiana, sobretudo a crítica genealógica, que não se limita apenas em pensar a forma como as pessoas se constroem ou são construídas, mas a partir daí pensar a possibilidade de não ser mais, de não fazer mais ou de não pensar mais como fazia e como era ou como pensava. As práticas discursivas estão sempre ancoradas em suportes provisórios, mutáveis, visto que elas são amarradas na própria história, que é contingente. Por isso, não existe resposta definitiva e acaba-se a pensar mesmo não ser produtivo e não interessar forçar respostas. A ideia é estimular uma atitude de permanente reflexão. A liberdade é essa possibilidade contínua de reflexão como caminho para a crítica e para a mudança. Devido a esses fatores, faz-se necessário analisar as condições de experiência real e não as possíveis, ou seja, as condições de construção e não suas possibilidades, o que faz dos homossexuais, homossexuais. Essas questões reforçam a ideia de que os homossexuais são construídos a partir dessas práticas discursivas, que definem as verdades, os modos de ser, de se ver, de se pensar e são os grupos gays que ajudam em sua construção.

## Referências

- CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FERRARI, A. “*Quem sou eu? Que lugar ocupo?*” – Grupos Gays, Educação e a construção do Sujeito Homossexual. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação UNICAMP, 2005.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MARSHALL, J. D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, M. A.; BESLEY, T. (Org.). *Por que Foucault?: novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 25-39.
- RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.